



EXÉRCITO BRASILEIRO

# CENTRO DE PREPARAÇÃO DE OFICIAIS DA RESERVA DE PORTO ALEGRE - CPOR/PA

---



## RESENHA RESUMO HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS: DAS ORIGENS AO SÉCULO XXI

1º SGT COM EVANDRO PAULO SARZENSKI

CURSO DE COMUNICAÇÕES.

Percorrido quatro séculos da história dos Estados Unidos, desde as tímidas tentativas de colonização até a hegemonia atual, é uma terra de contrastes absolutos. Os EUA são o país com a maior população carcerária do planeta e também local de intensos debates sobre direitos humanos e igualdade. Em nenhum outro país se fazem tantas atividades físicas e se cultua tanto o corpo e mesmo assim, apresentam taxas de obesidade em proporção epidêmica. É a terra dos puritanos, do cinturão da Bíblia, do politicamente correto e da ação afirmativa para grupos como os negros.

Exibe, da mesma forma, níveis alarmantes de violência sexual, de jogo, de vícios e de drogas. Nenhum outro povo está tão presente em tantos locais do planeta e poucas sociedades ignoram de forma tão clara a existência de outras culturas. Sendo sede imperial, eles concentram o mundo e todo seu corolário de boas ou péssimas ações. Denunciamos as ambigüidades da cidadania norte-americana como se o resto do planeta estivesse submerso em absoluta liberdade e igualdade. O mundo atolado em violência e injustiça lança um dedo acusador contra a sociedade norte-americana. Talvez seja esse o traço mais extraordinário dos Estados Unidos da América: sua utopia fracassada e realizada de “povo eleito” constitui um universo em torno do qual todos gravitamos e que amamos odiar. Uma parte expressiva de analistas do mundo inteiro afirma que o fim do poder dos EUA instaurará uma sociedade de ordem e paz. Os debates se a política externa de cada país deve ser anti ou pró-americana polarizam as relações mundiais. Tornou-se hábito reclamar da arrogância do governo de Washington, como se algum governo imperial do passado tivesse sido humilde, filantrópico ou expandido seu poder em busca da melhoria coletiva da humanidade. Para piorar, a alternativa é difícil: os governantes mais antiamericanos na Ásia ou América Latina não parecem garantir a possibilidade de um mundo mais confiável ou justo. O que este livro desejou evitar foi a visão polar e simplista de bem e mal muito lineares. Pelo percurso histórico que foi feito, ficou identificado eixos importantes para entender uma sociedade que, em grande parte, acreditou-se guiada por deus e eleita para um destino especial. Em nome dessa eleição, indivíduos tiveram sua conduta moldada e nações perderam territórios: era “o destino manifesto pela divina Providência”. O discurso religioso de eleição, também utilizado por muitos outros povos no passado, foi somado a uma reflexão iluminista que serviu de guia para a independência pioneira dos Estados Unidos da América. O movimento de 1776 foi modelo para muitos outros. Todo o continente americano lembrou-se do impacto da jovem e pequena nação que ousou enfrentar, com sucesso, a maior potência da época. Sendo a primeira Constituição escrita no mundo Atlântico, a norte-americana instituiu na prática o que tantos franceses tinham sonhado: divisão de poderes e sociedade que elege a lei como guia para a desejada igualdade de todos. Como fazer conviver esse ideal de liberdade e forte com a realidade de um capitalismo excludente, da opressão de mulheres, negros e pobres e com a agressão permanente a populações indígenas e a vizinhos como o México foi a resposta dialética de todo o século XIX. A violenta Guerra Civil exibiu ao mundo os problemas estruturais desse propósito. Tanto os nortistas como os sulistas acreditavam que estavam exercendo um direito garantido pelos ideais de liberdade da independência e da Constituição. Qual seria a correta interpretação da idéia de liberdade foi caso levado ao campo de batalha. Com as opiniões sobre a Constituição, houve uma enorme gama de interesses econômicos e políticos que causaram a morte de mais de 600 mil norte-americanos.

O modelo nortista vitorioso aprofundou a revolução industrial e aumentou muitos choques sociais. Uma nova forma social emergia a duras penas com o ingresso em massa de imigrantes de todo tipo e com a expansão para áreas externas como Cuba e Filipinas. A América foi a terra da oportunidade que consumiu tantas outras vidas. No sonho do imigrante fundiram-se messianismo religioso e teoria liberal: o êxito de alguns invocava a proteção divina e o resultado racional do esforço. Surgia polaridade entre vencedores e perdedores, baseada num senso comum de esforço pessoal. Quem perde, é porque é incompetente, quem vence obtém vitória pelo esforço pessoal: essa é a crença básica do senso comum norte-americano até hoje. As duas guerras mundiais trouxeram a novidade do poder mundial. Com profundas divisões, a sociedade dos EUA embarcou nos conflitos e assumiu o papel de potência global.

Poucas pessoas entendem o imenso esforço de convencimento do eleitor norte-americano para sair do isolacionismo. Esse esforço pode ser detectado, por exemplo, no governo Wilson

durante a Primeira Guerra Mundial ou nos governos do início do século XXI falando do Oriente Médio. Por um lado, os idealistas insistindo no papel difusor dos grandes conceitos da política dos EUA como a liberdade; por outro, os críticos insistindo no tema de que os generais mais importantes do exército de Washington eram o General Electric e o General Motors.

Como quase todas as sociedades, a norte-americana edificou sua frágil unidade constituindo inimigos. Indígenas e franceses foram os primeiros adversários. Os ingleses foram importantes, especialmente ao bombardearem Nova York e queimarem Washington nas lutas contra a independência. No século XIX, novamente os indígenas viraram o outro a ser combatido, pois estavam no caminho para as riquezas do Oeste. Também mexicanos foram constituídos em ameaça ao modelo dos EUA. Massas de imigrantes deixaram sem ação parte da elite e dos jornais, que denunciavam, com insistência, os riscos da imigração à identidade dos “verdadeiros” EUA. No século XX, soldados alemães e tropas japonesas foram enfrentados com metralhadoras e armas nucleares. Após a segunda Guerra Mundial, os comunistas tornaram-se o grande desafio no maniqueísmo analítico que sempre seduziu uma parte dos norte-americanos. A cada nova configuração, certa parcela da sociedade americana usava o perigo real ou aparente para constituir o “quem somos” em oposição ao “quem devemos evitar ser”. Por ora, a figura do terrorista parece preencher bem a necessidade historicamente permanente do inimigo constituído: cada inimigo ajudou a colocar mais uma pedra na formação da identidade americana e, de muitos modos, a ocultar contradições internas da sociedade dos EUA.

Cada inimigo foi duplamente útil. O mais curioso é que quase todos os imigrantes logo apagam sua origem e duvidam do outro recém-chegado. Os ingleses vindos no século XVII reclamam dos alemães que chegam à Pensilvânia. Descendentes de suecos horrorizam-se com a chegada dos irlandeses. Italianos católicos torcem o nariz para a massa de judeus russos recém-chegados em Nova York. Negros recém-libertados do horror da escravidão concorrem a contragosto com trabalhadores chineses. Os imigrantes latino-americanos, maior minoria dos EUA neste século XXI, conseguem ressuscitar os discursos sobre a identidade anglo-saxônica do país. Os imigrantes que chegaram na segunda-feira olham com desconfiança para os chegados na quarta-feira.

Quando usamos um computador ou acendemos uma lâmpada, há nisso muito do empreendedorismo e criatividade dos EUA. O mesmo furor industrial e criativo está na base do aquecimento global. Para o bem e para o mal, o destino do planeta está associado aos Estados Unidos da América. Compreender isso também faz parte do esforço deste livro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KARNAL, Leandro ... [et al.]. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2007.